Retiro em preparação à Profissão Perpétua e Jubileu



Ir.Joice Korattiyil

O amor esponsal na Sagrada Escritura

PAUTAS

1ª: A CRIAÇÃO E A VOCAÇÃO DE CADA HOMEM: Gên.1,2

2ª PASSEI JUNTO DE TI: Ez 16

3ª AS VOZES DO ESPOSO E A DA ESPOSA Ct 2

4ª A ALIANÇA ENTRE O ESPOSO E A ESPOSA: Ct

5ª A VIRGINDADE, TEMPO DE ESPERA *(Já e ainda não)*

6ª A INFIDELIDADE-A EXPERIÊNCIA D’EXILIO-AMOR ETERNO

7ª SACRUM COMMERCIUM (SC) AS NÚPCIAS SAGRADAS-FF

Retiro em preparação à Profissão Perpétua e Jubileu

O amor esponsal na Sagrada Escritura

Estamos nos preparando para a Profissão Perpétua (e o Jubileu), (a memória da) a Aliança Perpétua com Cristo, Esposo. Por isso vamos na linguagem do amor esponsal do inicio até ao fim da Sagrada Escritura, especialmente usando alguns textos do AT como Gen, Oseias, Ezequiel e Cantico dos Canticos.

A bíblia inicia e termina narrando do casal, do seu amor, da sua vocação e da sua felicidade:

**Gen 1 e 2:** a criação do homem e da mulher: Ela nasce dele, um é atraído para outro, um deixa tudo para outro e se unem tornando-se uma só carne;

**Ap.21**: O Cordeiro e a Esposa: os dois continuamente invocam: “Vem”! e “Eco, Venho!”.

E ao longo desta caminhada bíblica, Deus expressa seu amor ao seu Povo usando a linguagem do casal na fidelidade e na infidelidade e assim encontramos expressos fortemente em alguns livros como Exodo, Osésas, Ezequiel, Cantico dos Canticos[[1]](#footnote-1) etc.

E no NT Jesus mesmo se apresenta como o noivo, como o Esposo do novo Povo (Mc 2,19). E o Reino de Deus é comparado com o casamento que o rei preparou para seu Filho (Mt 22,2), as 10 virgens que estavam esperando para a chegada do Esposo (Mt 25,1) e isso até ao livro de Apcalipse onde a Jerusalém celeste, a Esposa, adornada para receber o seu Esposo, o Cordeiro. (Ap 21,2).

São Paulo, após de ter falado de Gen 2,24 diz: “*este mistério é grande: digo isso em referencia a Cristo e a sua Igreja*” (Ef 5,32). “O misério” que Paulo diz aqui é o matrimonio, união físico-espiritual do homem e mulher projetado por Deus. A Igreja é Corpo de Cristo, e no mesmo tempo ela é sua Esposa.

E Paulo na sua carta recomenda aos casais: “*amem-se um aos outro como Deus amou o seu povo Israel e como Cristo amou a sua Igreja*” Ef 5, 25-31.

Assim *o amor de um casal* tornou-se o exemplo para o amor entre Deus e o seu Povo e *o amor de Deus para seu Povo* tornou-se o exemplo para o casal, homem e mulher. Um aprende do outro como se deve amar, perdoar, recomeçar sendo fiel até ao fim. Uma é a escola para outra. E ainda, se Jesus falou: “nesta vida casa, tem filhos etc... mas na eternidade todos serão como os anjos” Mc 12, 25, o amor matrimonial entre o homem e a mulher cessa aqui na terra e o amor esponsal entre Deus e criatura humana permanece na eternidade, pois na eternidade Ele, o Cordeiro servirá sua Esposa e ela vá aonde quer que Ele vá (Ap).

E em fim destes dias do retiro, faremos uma releitura da nossa vocação à luz do livro “Sacrum Comercium” da FF, o encontro de Francisco com a Dama Pobreza. Se a alma carmelita sobe na “noite escura” para o Monte Carmelo para encontrar-se com seu Esposo, a alma franciscana sobe para o Monte junto com a Dama Pobreza, Esposa de Cristo, para mostrar-lhe seu claustro e sentar-se com ela para sua refeição.

1ª MEDITAÇÃO:

A CRIAÇÃO E A VOCAÇÃO DE CADA HOMEM

Gêneses 1,2

**Gen. 2,** Apresentando a criação do homem e a mulher, a Palavra de Deus nos mostra o sentido antropológico de cada homem, de cada mulher, do seu relacionamento vocacional: A atração um para outro. Deus nos criou assim!

**O primeiro êxodo** Gen 2,24:O homem e a mulher fazem o primeiro êxodo. Os dois necessariamente fazem um êxodo, uma viajem de “lua de mel” para celebrar o amor**,** os dois devem sair dos laços familiares, dos primeiros laços, e devem-se unir para celebrar o amor[[2]](#footnote-2).

**O berço onde o homem foi colocado:**

E depois tem um jardim rico (Gen 2,7-9) que tem 4 rios e o homem é colocado aí dentro (2,15). Tudo o que eles precisam para sobreviver tem já aí na sua disposição. Como uma mãe prepara o berço da criança ainda antes de seu nascimento assim Deus Pai preparou tudo antes de alí colocar sua criatura amada[[3]](#footnote-3).

**Estas duas criaturas, diferente de tudo o que Deus criou, são tão estranhos, feito de barro e de Deus:** O homem é da terra, mas colocado no jardim após de ter preparado seu berço e em vista dele que foi criado tudo. Ou seja, ele é o cantor da criação. E ele vem apresentado como um rei soberano que dá o nome a todos (dar o nome na Bíblia tem o significado de poder máximo sobre o outro), mas é um senhor, um rei criado pelo barro. Homem, em hebraico, *Adam* e Terra em hebraico é *Adama*; Adam provem de Adama.

Não somente o homem provem da terra, mas ele é terra. Como Ele fez os animais de terra fez também o homem de terra.

E segundo Gen. 1, Ele fez tudo no mesmo dia em que foram criados os animais. Não tem um dia particular para o homem. È estranho. Para os peixes, repteis animais tem um dia especial, mas para o homem não tem um dia particular. E ele compartilhou a mesma bênção dos animais: “Crescem e se multipliquem”, porém, ele é imagem de Deus.

Em Gen 2 a mesma coisa: o homem é senhor do criado, mas ele é pó e animal. As narrações nos trazem duas realidades totalmente difícil entender a reconciliação. Ele é igual aos animais, mas também igual a Deus. Ele é barro, mas também, ele é a imagem de Deus.

**O alimento deste casal:**

No amor deste casal entrou uma lei, comer da árvore:uma lei para os dois obedeceram: (Gen 2,15-17): Podem comer de todas as árvores, inclusive a arvore da vida (v.9) menos de uma, que é árvore do conhecimento’. Todas as árvores formosas de ver e boas de comer! Pois, eles não precisam ser conhecedores de tudo, igual a Deus.

O conhecimento do bem e do mal, segundo a Bíblia, significa o conhecimento total. Como diz: “vida e morte”, entrar e sair, bem e mal é a mesma coisa, significa a totalidade, não em nível moral, ético, mas no sentido metafisico, existencial, é a realidade inteira, em todas as dimensões do bem e do mal, do bom e ruim, do sofrimento e felicidade. Conhecer assim significa tornar-se princípio. Pois o conhecimento não é simplesmente ter inteligência, mas possuir o segredo do que conhece, ter a chave de toda existência. Isso compete a Deus e não ao homem que é de terra.

E este comando vem dado ao homem, exatamente porque ele acolhendo a sua verdade de ser “criado” possa conviver com Deus em comunhão. O único modo de poder conviver com Deus é reconhecer a sua diferencia de ser criado e Ele, o Criador.

A mesma coisa acontece no relacionamento entre o homem e a mulher. Cada um deve reconhecer que o outro é diferente. Neste reconhecimento do outro que é “um ser diferente” que nasce a comunhão. Senão tem a confusão, tem o plágio, a dependência anula a pessoa.

E o texto não proíbe de comer da árvore da vida. O homem sabe que se ele quer sobreviver deve comer da árvore da vida. Ele sem Deus, sem arvore da vida não tem vida. Por isso no Jerusalém celeste o Ap vai colocar à disposição 12 meses o fruto desta árvore (Ap 22,2;).

**Não é bom que ele esteja sozinho:**

Mas a vida não é completa até quando ele é sozinho. Ele precisa um ser igual a ele, da mesma espécie. Por isso o animal não basta para ele. Pois os animais são cada um segundo sua espécie, o homem precisa *de sua espécie.* O homem chega à sua plenitude quando reconhece outro, a mulher, *segundo sua espécie*. Então Gen 2,22-25:

E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher, e levou-a para junto do homem. “Eis agora aqui, disse o homem, o osso de meus ossos e a carne de minha carne; ela se chamará mulher, porque foi tomada do homem”. Por isso o homem deixa o seu pai e sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne. O homem e a mulher estavam nus, e não se envergonhavam.

Não entende aqui o relacionamento meramente sexual, mas que vivam juntos no relacionamento matrimonial, reconhecem a alteridade, a diferencia entre si.

**Sejam uma só carne:** A humanidade torna-se tal somente quando sabe reconhecer reciprocamente o homem e a mulher, sozinhos incompletos. São dois ser diferentes, mas um pertence ao outro, faz parte do outro; a separação, a diferencia é para comunhão. No caso dos animais não é assim: O animal vê no outro a mesma carne, o mesmo osso, a mesma identidade.

Israel disse a Davide: (2 Sam 5,1-3). “Todas as tribos de Israel vieram ter com Davi em Hebron e disseram-lhe: Vê: não somos nós teus ossos e tua carne?”

Davide disse a Judá: (2 Sam 19,11-13): O rei Davi mandou aos sacerdotes Sadoc e Abiatar a seguinte mensagem: Eis o que direis aos anciãos de Judá: Por que seríeis vós os últimos a reconduzir o rei para a sua casa? Vós sois meus irmãos, meus ossos e minha carne. Por que seríeis vós os últimos a reconduzir o rei? Direis em seguida a Amasa: Tu és meu osso e minha carne. Que Deus me trate com todo o rigor, se eu não te tornar para sempre o meu general em lugar de Joab.

 Aqui a expressão *osso do meu osso e carne da minha carne* não é simplesmente um parentesco, mas é um assumir reciprocamente, é um pertencer indissolúvel, não separável de um com outro e que tal comunhão profunda abre à fecundidade[[4]](#footnote-4).

(E a mulher foi tirado do homem. Em hebraico, ela se chamará “Ishà” pois, foi tirado do “Ish”. Os dois tem a mesma natureza, a mesma dignidade e o mesmo destino).

Reconhecendo um o outro, deixa o pai e a mãe e se unem e se tornem uma só carne. E o reconhecimento reciproco, o deixar o pai e a mãe e, vai ao encontro do outro, abre à fecundidade. O filho é símbolo do perene fruto do amor dos dois. É o primeiro êxodo do homem e da mulher: deixar o pai e a mãe para abraçar uma nova família.

**A totalidade no relacionamento:**

No matrimonio doar-se *nu* um ao outro é confiar-se totalmente um para outro, onde não tem mais o medo do outro. Não tem mais “meu” e “teu”, não tem mais a parede de separação. Na nudez não tem vergonha, é expressão do amor, da doação de si total de um para outro, onde tudo é em comum, uma só carne[[5]](#footnote-5).

Quando *não tem a aceitação da “diferencia”, não tem também a comunhão*. Satanás quando apresenta a opção de comer do fruto da árvore proibida, o motivo que foi colocado era exatamente: *“se comerdes vão tornar-se como deus”*. Ou seja, não precisa mais sentir-se diferente de Deus, mas igual a Deus. É o pecado de Caim (Gen 4). Ele não quis reconhecer no irmão o outro, mas manipulou usando-o como lhe convem. Assim sufocou ele querendo aniquilar o outro, permanecendo sozinho. Caim não quer aceitar a diferencia de Abel e o assassina. Caim permanece só, negando o diverso, e ele não é mais o irmão de ninguém.

Quando quebrou a comunhão, quando não consegue mais olhar o outro como mistério dado por Deus, para ser respeitado e amado, quando começou a jogar em cima do outro a própria culpa, como consequecnia, a nudez (até então era sinal da comunhão) tornou-se causa de vergonha, causa de distanciamento, causa de morte[[6]](#footnote-6).

 A vida religiosa é expressão máxima do amor e da vida fraterna do paraíso; é a realização do sonho de Deus sobre o homem e a mulher. Na vida fraterna a pessoa reconhecendo o outro “diferente”, mas a imagem e semelhança de Deus, o ama, o respeita e se coloca ao serviço do outro. Pois “o outro” é segundo sua espécie criado e doado por Deus. São Francisco por isso diz no inicio do seu Testamento: : “*Deus me deu irmãos*” e eu não os escolhi.

Na vida fraterna, os dois, eu e outro, comem cotidianamente da árvore da vida e não pretendem de saber de tudo (árvore do conhecimento) e eles se submetem à obediência deixando Deus fazer acontecer no tempo certo, no lugar certo, o que Deus quer que façam. A pessoa consagrada não é conhecedora de tudo, da causa, do princípio e do fim e por isso se submete a Deus, ao Tempo, à Obediencia. Não tem projeto próprio, mas espera chegar do alto para obedecer imediatamente.

**Na hora da adoração:**

Agradecer a Deus pelo próprio Corpo, com todos os seus sentimentos, lutas, falhas, feridas e vitórias. Embora algumas vezes abundou em nós o nosso barro, superabundou a Imagem e semelhança dele.

Relembrar aquelas atrações humanas que foram envolvendo as várias faixas etárias da nossa vida, mas Ele venceu sobre nós e ele possuiu o nosso Corpo para Ele. O nosso Corpo ele consagrou/separou para ele!

2ª MEDITAÇÃO:

PASSEI JUNTO DE TI: Ezequiel 16:

Celebrando o amor do Amado que nos acompanhou

na Infância e na Adolescencia:

"No dia do teu nascimento, teu cordão umbilical não foi cortado; não te banharam com água para te purificar, não te untaram com sal, nem te enfaixaram. ... Passei junto de ti e te percebi banhada em teu sangue. Eu te gritei: vive (malgrado o teu sangue), vive. "e eu te fiz multiplicar como a erva dos prados. Cresceste. Ficaste moça. Teus seios se formaram, veio-te o pêlo. Mas estavas nua, inteiramente nua."

**Passando junto de ti, verifiquei que já havia chegado o teu tempo, o tempo dos amores** ... Estendi sobre ti o pano do meu manto, cobri tua nudez; depois fiz contigo uma aliança ligando-me a ti pelo juramento e tu me pertenceste. Então eu te mergulhei na **água** para limpar o sangue de que estavas coberta, **e te ungi** com óleo. Eu **te vesti** de tecidos bordados, calcei-te com sapatos de pele de golfinho, cingi-te com um cinto de fino linho e um véu de seda. **Ornei-te** de adornos: braceletes nos teus pulsos, colares em teu pescoço, um anel para o teu nariz, brincos para tuas orelhas, uma coroa magnífica para tua cabeça. Teus ornatos eram de ouro, prata, com vestimentas de linho fino, de seda e panos bordados; teu alimento era trigo, mel e óleo. **Cada vez mais bela, chegaste à dignidade real." Ez 16, 1-13.**

Hoje vamos lembrar dos cuidados e carinhos com que Deus nos cercou desde infância e ele nos preparou até a idade adulta, transformando-nos - sem agente perceber nada disso -, em dignidade real, a fim de possuir-nos para ele.

No tempo da adolescência e juventude, quando começou aparecer as mudanças no nosso corpo, na nossa psicologia, passamos entre sentimentos humanos e divinos, atrações humanas e divinas, sonhos eróticos e no mesmo tempo atrações para dedicar sua vida às coisas de Deus e da Igreja. Fomos uma mistura *de barro e de imagem de Deus*! Mas Ele prevaleceu em nós. Ele nos possuiu ao final.

**Na hora da adoração:**

**Lembremos e agradecemos hoje pelos sacramentos iniciais que recebemos desde pequenas:**

Os padres da Igreja chamavam o **Batismo como banho nupcial:** Pois após do batismo a pessoa era elevada à dignidade de fazer o banquete, sentado junto com o Esposo, Cristo. Nas Igrejas orientais conservam a prática de dar o Corpo de Cristo a neo batizado mesmo às criancinhas.

Estudando o Evangelho de Marcos já vimos a importância do **banho nupcial antes do banquete nupcial,** isso quando falamos do banho de Jesus em perfume na casa de Betania e o banho dos discípulos antes da última céia.

Na verdade, é o que aconteceu conosco no Sacramento do **Batismo e da Eucaristia**. O batismo é o nosso banho nupcial para sentarmos com o noivo na mesa nupcial. Somos ungidos por óleo perfumado (óleo da crisma) após do Banho Batismal. Por isso ele disse: “este é meu corpo”, “este é meu sangue”. Tomai e comei. O corpo de Jesus e o corpo nosso se unem num só na Eucaristia, na Sagrada Comunhão. É o verdadeiro matrimonio!

O verdadeiro amor celebrado entre Deus e a humanidade e por isso chamamos a Sagrada Comunhão. Sim, ele retirou o pobrezinho do lixo, deu-lhe o banho, para fazê-lo assentar-se com os nobres (Sl 112).

E ele nos encheu com as virtudes teologais e cardeias, ele nos deu a fé, ele nos deu a esperança, ele nos deu a força para excercitar a caridade, ele nos deu a graça do entendimento da Palavra, ele nos deua a fé na Igreja, nos seus ensinamentos... e assim quantas gioias ele nos deu quantos braceletes, pulsos, colares e brincos!

Sta Clara

Lembremos as palavras de Sta Clara à Sta Ìnes: “Preferistes abraçar com todo o afeto de alma e coração a santíssima pobreza, escolhendo um esposo de linhagem mais nobre, o Senhor Jesus Cristo, que guardará imaculada e incólume a vossa virgindade. Amando-O, sereis casta, abraçando-O, ficareis mais pura, acolhendo-O, sereis virgem. O seu poder é mais forte, a sua generosidade, mais excelsa, o seu aspecto, mais formoso, o seu amor, mais suave, e as suas graças de maior encanto. Ele vos segura em seus braços, e ornamenta de pedras preciosas o vosso peito, e enfeita de jóias inestimáveis as vossas orelhas, e vos envolve de pérolas cintilantes, coroando-vos com a coroa de ouro, marcada com o sinal da santidade” (1Ct)

Cantico dos Cânticos:

No Cantico dos Cânticos o amado e a amada se contemplam reciprocamente: Os Padres da Igreja aplicaram este texto ao amor de Cristo com sua Esposa, a Igreja e o amor de Deus para com seu povo Israel (assim como interpretavam os judeus).

Neste contexto é bom agente contemplar como nós sugamos do seio da Igreja o leite e o vinho! Como a Santa Igreja colocou à nossa disposição os seus seios a fim de alimentarmos dela e entrarmos na ecstase de amor divino e humano!

“ **Ah! Beija-me com os beijos de tua boca!** Porque os teus amores são mais deliciosos que o vinho, e suave é a fragrância de teus perfumes; o teu nome é como um perfume derramado: por isto amam-te as jovens. Arrasta-me após ti; corramos! O rei introduziu-me nos seus aposentos. Exultaremos de alegria e de júbilo em ti. Tuas carícias nos inebriarão mais que o vinho. Quanta razão há de te amar! Arrasta-me após ti; corramos! O rei introduziu-me nos seus aposentos. Exultaremos de alegria e de júbilo em ti. Tuas carícias nos inebriarão mais que o vinho. Quanta razão há de te amar!” Ct 1, 1-4

**O BEIJO:** é expressão do amor, da doação de si e de entrega total de um para outro. No seu sentido original, é um ato puro, sagrado do amor reciproco. A Sagrada Comunhão, para muitos santos, era o beijo e o matrimonio do Esposo com sua Esposa, assim como vimos no evangelho de São João. Dizia Charles de Foucauld: “Na Sagrada Comunhão, Deus entra em nós, corporalmente; tocamos com nossa boca o Corpo de Jesus, como o tocaram os lábios de Maria, de José, de Madalena; entra em nós como repousou no seio de Maria; Ele se une a nós pelo mais casto dos matrimônios, chegando a ser o Divino Esposo das nossas almas, dando-se, entregando-se, abandonando-se para que possamos possuí-lo e amá-lo no tempo e na eternidade. A Eucaristia é Jesus Menino estendendo-nos os braços em seu berço para se oferecer a nós e pedir-nos um beijo...”[[7]](#footnote-7)

E **Sta Tereza d’Avila** dizia comentando[[8]](#footnote-8): “Beije-me com o beijo de sua boca” que essa é uma graça tão grande, que a alma mal pode suportar estar assim tão próxima de seu Senhor. Tendo a certeza de que ele a ama.

Dizia **Sta Terezinha** lembrando do dia da sua Primeira Comunhão: “Ah! Como foi doce o primeiro beijo de Jesus à minha alma”. Foi um beijo de amor, sentia-me amada e dizia também amo-vos, dou-me a Vós para sempre...”. Momento profundo, marcante para seu coração de criança que se sente inundado pela presença de Jesus.

Comentando o Ct dizia **Christian de Chergé**[[9]](#footnote-9):

“A eucaristia nos ensina que **todo** **o corpo é sacramento**. Por isso, não há nada de vulgar naquilo que o corpo é, diz ou faz. Abramos a Bíblia: *Há o beijo de Maria Madalena*, que escandaliza os judeus. Nós também podemos estar do lado daquela que dá o beijo ou do lado daqueles que se escandalizam, ou talvez também do lado daquele que recebe o beijo.

*Há o beijo de Judas.* O beijo de Judas é um beijo destinado a encerrar uma história de amor, enquanto que, por si só, o beijo seria feito para abrir e para estipular um pacto de amor. Ao beijo de Judas respondeu o beijo de Jesus que parece lhe dizer: não é você que pode fechar, com sua iniciativa, a seu modo, uma história que o meu Pai começou e que Eu quero continuar.

*Na Trindade*, o Espírito é o beijo do Pai ao Filho, e do Filho ao Pai.

No comentário talmúdico à morte de Moisés, há uma expressão magnífica. Diz-se que, quando Moisés se pôs nas mãos de Deus, no limiar da Terra Prometida na qual ele não poderá entrar – porque a única terra prometida em que ele pode entrar é outra – Deus vem, se estende sobre Moisés e, com um beijo, aspira-lhe a alma. Deus retoma em si o que lhe deu ao criá-lo. Se a morte pudesse ser simplesmente assim, seria bonito!"[[10]](#footnote-10)

**OS SEIOS**: “Os teus dois seiossão como dois filhotes gêmeos de uma gazela pastando entre os lírios”.**Ct 4,5**:

**Sto Agostinho** via aqui o peito da Mãe Igreja que nutre seus filhos através o sacramento do Batismo e da Eucaristia.

E muitos outros Padres interpretavam os dois seios como o AT e NT. “os seios da Igreja contem o leite e o vinho, o leite para os simplese e o vinho para os sapientes e esses facilitavam a contemplação divina e nos conduzia a um estato de ecsate, alegrava o coração e donava a sabedoria”[[11]](#footnote-11). E São Origene via nos dois seios a divindade e a humanidade de Jesus[[12]](#footnote-12).

**A Igreja, jardim do Amado:**

“Entro no meu jardim, minha irmã, minha esposa, colho a minha mirra e o meu bálsamo, como o meu favo com meu mel, e bebo o meu vinho com meu leite. .Amigos, comei, bebei, inebriai-vos ó caríssimos Ct 51.

“Ora, eu sou um muro, e meus seios são como torres; por isso sou aos seus olhos uma fonte de alegria” Ct. 8,10.

“Enquanto o rei descansa em seu divã, meu nardo exala o seu perfume; meu bem-amado é para mim um saquitel de mirra, que repousa entre os meus seios... (Ct1,13)

Quantas vezes a Palavra de Deus foi um muro, umas torres de proteção, um lugar de desacanso para nós!..

. 3ª MEDITAÇÃO:

**A VOZ DO ESPOSO E DA ESPOSA Ct**[[13]](#footnote-13)

**O amor conjugal (c.2):** O texto mostra a união entre Deus e o Povo através o amor conjugal deste casal: Ela vai ao encontro dele, ele a chama e os dois saem para descobrir o que é a primavera. Ela proclama de pertencer a ele. E parece que os dois estão correndo um atrás do outro. No inicio parece que ele está correndo atrás dela: “Oh, esta é a voz do meu amado! Ei-lo que aí vem, saltando sobre os montes, pulando sobre as colinas”v.8.e no final “volta, ó meu amado, como a gazela, ou o cervozinho sobre os montes escarpados” v. 17.

A experiência antropológica do amor é este encontro de “vai e vem”. E este é o amor entre Deus e a humanidade, entre o Cordeiro e a Igreja: “Vem Senhor” ela invoca continuamente e ele “Eis que venho” (Ap 22,20). A presença do Amado dá a cor para todas as coisas. As raposas são aquelas que querem destruir ou atrapalhar este amor. Neste dinamismo do amor existe alguns fatores:

**A atesa e o desejo:** o jogo das palavras: *vem*, *venho*, mostra o desejo e a atesa ardente de ver o outro etc. O amor contem esta atesa, reconhece a voz do Amado, está pronto para acolhê-lo, aliás, vai ao encontro para recebê-lo antecipadamente. O amor por isso capacita a pessoa de permanecer vigiando. O amor é uma continua novidade. A expressão “eis que vem”, “eis que já” é uma surpresa continua pela presença do outro.

Meditação: Nas nossas orações cotidianas usamos bastante estes termos: Qual sentimento esponsal permanece em nós?

**A surpresa continua:** Cada vez que se encontram é como se fosse pela primeira vez e por isso continua maravilhando-se um para outro. O amor verdadeiro tem este sinal: a supresa de cada dia, não sempre igual como se os dois cansados de rotina. È um continuo desejo de ouvir outra. Algumas vezes ao ler o Ct não sabemos quem é que está falando: “Minha pomba, oculta nas fendas do rochedo, e nos abrigos das rochas escarpadas, mostra-me o teu rosto, faze-me ouvir a tua voz. Tua voz é tão doce, e delicado teu rosto!” Ct 2,14. Ele quer sentir ela e ela quer sentir ele.

**A voz:** A voz que traz surpresa é peculiar do homem: Pela primeira vez quando o homem falou, as palavras eram de surpresa, de maravilha, do estupor, de alegria: “*esta é a carne da minha carne, osso do meu osso!* ” (Gen 2,23). O homem fala, ele tem voz, quando encontra-se com a mulher. Até então ele permanece mudo. No Cantico, ela é contente porque ele vem e ele é contente porque ela vem, assim como em Gêneses, o homem se alegra e ele tem a voz quando vê “ela”, sua espécie.

**Jeremias 33,10-11:**

**A voz do esposo e da esposa no exilio (Jer)**: Estamos no contexto de esílio e o livro de consolação traz a psicologia do povo Israel. Longe do Templo o povo sente a ausência de Deus, a desolação na terra estrangeira. O exilio é o grande silêncio, é experiência real da morte. Então chega através a voz consolador do profeta, a consolação da parte de Deus, anunciando o retorno de esilio e a comunhão com Deus: o cântico do esposo e da esposa e os louvores a Deus onipotente aonde não tinha nada. “*Eis o que diz o Senhor: neste lugar, do qual dizeis que não passa de um deserto sem homens nem animais; nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém devastadas, onde homem algum habita, nem um animal se encontra, ouvir-se-ão novamente gritos de alegria, cânticos de júbilo, a voz do esposo e da esposa, aclamações daqueles que cantarão: louvai o Senhor dos exércitos*...”(Jer 33,10-11).

A experiência *horizontal* (O esposo e a esposa) e *vertical* (os cantos de louvores) mostra a totalidade da alegria, a totalidade da redenção, a totalidade da restauração, seu relacionamento restruturado com Deus e entre si. A presença do esposo e esposa traz mais uma vez o sinal da vida e esperança recomeçada, só eles dois são capazes de dar credibilidade ao futuro, recomeçando novos relacionamentos, abrindo-se para a vida. Só eles podem dizer: vale a pena acreditar no outro e neste abandono total, que é contrario a qualquer tipo de desesperação, nasce a vida, tornando-se eles capazes de perpetuar a vida através seus filhos. Por isso unidos elevam cânticos de louvores.

**b). Jeremias 25,10.**

“*Abafarei seus gritos de alegria e os cânticos de júbilo, a voz do esposo e da esposa, e amortecerei o ruído da mó e o brilho da lâmpada”.* Aqui ao contrário da consolação, tem o oráculo da desolação, o oráculo da destruição: *cessar a voz do esposo e a esposa é sinal da morte,* pois não tem ninguém que garante a vida, é sinal do exilio, sinal da morte. As duas grandes pedras que usam para moer os grãos vão parar aos poucos, pois não tem ninguém para girá-la. A luz da lâmpada vai se apagar pois não tem mais ninguém que a alimente com o óleo. É o fim de tudo: É o fim da casa (a luz apagada), o fim da vida (o mulino parou e não tem mais o pão), o fim da família e fim da vida (não tem mais a voz do esposo e da esposa).

**No relacionamento mútuo nasce a primavera:** No Cantico, quando tem o relacionamento entre ele e ela (Oh, esta é a voz do meu amado! Ei-lo que aí vem, saltando sobre os montes, pulando sobre as colinas*.*), tudo vê reflorescido: “*Apareceram as flores na nossa terra, voltou o tempo das canções. Em nossas terras já se ouve a voz da rola. A figueira já começa a dar os seus figos, e a vinha em flor exala o seu perfume; levanta-te, minha amada, formosa minha, e vem”* Ct 2, 12-13. E eles são conscientes que pode acontecer as fraturas neste amor: “*Apanhai-nos as raposas, essas pequenas raposas que devastam nossas vinhas, pois nossas vinhas estão em flor*” (Ct 2, 15).

Adoração:

*Os momentos e experiências de: atesa, desejo, as vozes, a primavera o exilio ... ao longo da vida religiosa até aqui.*

. 4ª MEDITAÇÃO:

A ALIANÇA ENTRE O ESPOSO E A ESPOSA

**Ct.**

**A aliança recíproca**: O relacionamento é radical, é o reciproco pertencer: “Eu sou do meu amado e meu amado é meu”(Ct 6,3). A relação humana é sinal e símbolo da relação divina. Se não houver a aliança entre os dois, o comprometimento reciproco, não tem vida.

Na Biblia quando fa aliança entre dois (Deus e o povo) tem alguns elementos necessários que faziam parte dos costumes dos soberanos, que na verdade ainda hoje nos nossos termos de contratos usamos:

**1º elemento:** *Ter o nome do titular:* primeiro usa o nome dos dois partners e a relação que existe entre os dois: E na aliança entre Deus e o Israel, usa a metáfora esponsal: “Deus de Israel, o esposo” “Povo de Deus, a esposa”. Assim exsite **um vinculo forte e indissolúvel** entre os dois que para falar de um é necessário falar do outro; os dois são uma só carne.

E quando Moises fez aliança pegou o sangue e aspergiu com o mesmo sangue sobre o altar (simbolizando Deus, um dos partner) e sobre o povo (outro partner), simbolizando que os dois pertencem ao mesmo sangue.

**2º elemento:** *Parágrafo histórico:* A historia que uniu os dois para estipular a aliança é a história da saída do Egito: “Eu sou o teu Deus que te fez sair de Egito”. Embora os dois partners são iguais, aqui Deus que é a causa da origem: ele é iniciador, doador e Israel recebe, é reconhecente do dom recebido.

Deus é origem de Israel e Israel não é origem de Deus, mas reconhecente do dom recebido. Assim como na vida matrimonial, o casal, apesar da igualdade, os dois devem reconhecer que o outro é dom recebido, é mistério diante do qual deve dobrar-me, respeitar-me e esperar de ser revelado aos poucos. O amor, ao mesmo tempo*,* é um apelo e uma resposta.

**3º elemento:** *declaração da aliança e clausula* (ou seja, a Lei, o decálogo): a lei é o reconhecimento do partner como “outro” com todos os seus direitos e deveres. Existe uma lei porque existe “o outro”, não sou sozinho para fazer o que eu quero.

 A lei existe no mundo porque existe o outro, existe uma sociedade, existe a convivência. A lei é sinal da saida do homem egocêntrico, do seu mundo narcistico, solipsistico *(além de mim existe só eu*) da infância para o mundo de relações sociais. A criança até quando é pequena pensa de ser só, pensa que todo mundo, está ao redor dela, em função dela e no inicio não tem a capacidade diferenciar nem a própria mãe como ser fora dela. No período de amamentar-se não tem a capacidade de pensar que a mãe é outra pessoa. O outro começa a existir a partir de quando a eu reconheço um ser diferente de mim que precisa um seu espaço próprio, um seu jeio próprio que eu devo respeitar. A sabedoria da vida matrimonial está na verdade que os dois seres se unem, mas reconhecendo que o outro é um ser diferente, com personalidade e prespectiva diferente, com que devo respeitar, com todos os seus direitos, pois o outro tem seu jeito próprio de pensar, de agir, de tomar decisões etc. Eis aqui a necessidade da lei para eu sair de mim, sair da minha solidão para ir ao encontro do outro que é diferente de mim. A mesma coisa na vida religiosa.

**4º elemento:** *Testemunhas*: A presença das testemunhas sutilmente diz que existe uma fragilidade dentro da aliança. Se por a caso chegar a romper a aliança entre os parceiros, estas testemunhas serão os próprios acusadores para dizer que verdadeiramente tinha acontecido o contrato. E por isso requer um empenho continuo da parte dos dois parceiros para manter fiel a aliança feita. Isso vale seja no relacionamento entre Deus e humanidade, vale na vida matrimonial, vale na vida religiosa e sacerdotal.

**5º elemento:** *“Benção e maldição”:* Se você estiver fiel à aliança, você será abençoado. Se você se subtrair, você será amaldiçoado.

E não tem volta uma vez que confirmou a aliança. Os dois devem se empenhar perpetuamente para manter-se correspondentes. *Aonde tem o dom total, a doação é perpétua, não tem volta para atrás.* Aqui a luz da Pásqua, o mistério de Cristo, mostra que a união se perpétua além da morte e a sua luz penetra no dia a dia da esposa também depois da morte do seu esposo também.

**O selo:** A aliança não tem validade se não houver o selo, a assinatura dos dois.

“*Põe-me como um selo sobre o teu coração, como um selo sobre os teus braços”*Ct 8,6:o selo é símbolo da autenticidade, mostra a identidade, mostra sua autoria e usa para carimbar os documentos e por isso o guarda debaixo do seu braço ou no seu anel, pois é precioso. Segundo São Ambrosio, a virgem consagrada recebe já no Batismo o selo indelével do seu esposo e ela pertence ao esposo e por isso ele a guarde debaixo do seu braço em modo que ninguém a roube, não venha perdido e quer que seja inseparável e por isso coloca perto do seu coração.

Adoração:

Ler e meditar o ritual da Profissão Perpétua.

5ª MEDITAÇÃO:

A VIRGINDADE, TEMPO DE ESPERA (Já e ainda não”

Cantico dos Canticos:

A primeira parte do Cantico parece que é tempo **de já e ainda não**: Todo o livro é dividido em três parte:

1. O nascimeto do amor;
2. O esilo do amor
3. O cumprimento ou celebração do amor.

Vamos agora para o nascimento do amor.

**O nascimeto do amor:** Ela e Ele: a esposa e o esposo. O cântico é um hino à amor esponsal. O amigo chama 5 vezes (4,8-12;5,1) a moça com o titulo **Kallah** (noiva) pois ela continua morando na casa dos pais apesar de ter casado os dois juridicamente. Ou pode ser que já juridicamente aconteceu o noivado, já foi dado a dote da noiva, já pertence a ele, mas ainda não estão morando junto. É tempo de espera.

Ela sozinha e ele sozinho. A mesagem profética pos-exilio é: **Para a esposa** **ele é** o que meu coração ama, o meu querido, é único e não tem confusão entre muitas: “o amado entre os jovens como a macieira entre as árvores da floresta, e **para o esposo** **ela é** minha querida 2,3, a única “Há sessenta rainhas, oitenta concubinas, e inumeráveis jovens mulheres; uma, porém, é a minha pomba, uma só a minha perfeita; ela é a única de sua mãe, a predileta daquela que a deu à luz” (Ct 6, 8-9; 8,11-12).

*O cantico é um dueto e não um monologo,* com igual sentimentos do coração e nas expressões dos dois: o desejo do amor nela: 1,2-4; 1,7; 7,12-14; 8,1-2 e o desejo do amor nele: 2,14; 4,8; 7,7-10. Aliás é ela que fala: “Ah! Beija-me com os beijos de tua boca! Porque os teus amores são mais deliciosos que o vinho (Ct1,2).

E neste dueto do cântico d’amor, ninguém usa a pressão sobre o outro, *mas somente o desejo do amor*. Várias vezes a Esposa diz: “Filhas de Jerusalém, ...não desperteis, não acordeis o amor, até que ele o queira” 2,7; 3,5;8,4 e o Esposo vai acordar ela: 5,2 e 8,5. O desejo é tensão, é voto, é a certeza do amor, e nunca brutal ou sedução maldosa do amor,

*A contemplação da pessoa através o corpo: Ela olhando para ele*: 1,15-17; 5,10-16 e Ele olhando para ela: 2,1-3; 4,1-7; 7,1-6. Pois o corpo é a mútua revelação progressiva do corpo e da alma do casal; é transparência e visibilidade do eu ao tu. O corpo é o espaço onde se encarna, se revela a comunhão do amor profundo. É o espaço físico para sair do eu para tu. A paixão para o corpo é a paixão para a pessoa. E parece que um é doente para outro: Ela é doente de amor por ele: 2,5 e 5,8 e ele é doido de amor por ela: 4,9-10; 6,4-5; e -forse- 6,12. Nesta entrega total, uma vez que os dois serão um só (Gen 2,24), a ausência do outro provoca doenças (Ct 5,8), igual como o Pai do Filho pródigo Lc 15,11.

**A virgindade: tempo de espera**

 Antes do casamento, no tempo de namoro, os dois se conservam sua virgindade sagrado, é tempo de espera, é tempo sagrado, é tempo em que o esposo e a esposa conserva seu corpo divinamente para seu esposo. Agente encontra no Ct estes sentimentos profundos dos dois: os dois reconhecem na voz do outro sem ver ou tocar no outro (Ct 2, 8-14; 5,8); mostra a impaciência em não poder mostrar publicamente o seu amor antes do tempo (8,1-2). E continuamente agente vê a expressão: “eu sou do meu amado e ele é meu”(Ct 2,16; 6,3;7,11) assim como Deus fala “tu és meu povo e eu sou do meu povo”(Ex 6,7) e não tem lugar para outra pessoa aí no meio.Um pertence a outro, pois, o amor é exclusivo um para outro.

E Paulo confirma esta expressão: “Eu vos consagro um carinho e amor santo, porque vos desposei com um esposo único e vos apresentei a Cristo como virgem pura. Mas temo que, como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim se corrompam os vossos pensamentos e se apartem da sinceridade para com Cristo” (2Cor 11,2-3). A virgindade é o tempo da espera para consumar-se totalmente com o Cordeiro na eternidade. O casamento é símbolo de “já” e a virgindade é tempo de “ainda não” da consumação total da Igreja, da festa nupcial do Cordeiro. A luz do cântico dos cânticos as duas vocações (matrimonio e virgindade) são expressões do amor na sua totalidade. Existe um casamento “virginal” para os casados e um “virgindade esponsal” para as pessoas consagradas.

**O véu[[14]](#footnote-14)** (Ct 4,1.12):

E a Esposa aparece debaixo do véu: Ah! Como és bela, minha amiga! Como estás linda! Teus olhos são pombas, por detrás do teu véu... És um jardim fechado, minha irmã e minha esposa, um jardim fechado, uma fonte selada» (4,1.12). O véu é o sinal do pudor que a esconde, em um certo sentido, ao seu próprio esposo

É o próprio mistério do amor virginal a pedir para ser delicadamente guardado atrás de um véu.

No dia da Profissão religiosa, ao entregar o hábito e o véu, o celebrante diz: *«Recebe o véu e o santo hábito, sinal da tua consagração, e não te esqueças nunca que foste adquirida por Cristo para servi-lo só a ele e ao seu Corpo que é a Igreja*».

A neo-consagrada canta: «O Senhor meteu um selo no meu rosto, para que não admita outro esposo além dele».

O véu da pessoa consagrada tem o significado de ser exclusivamente esposa de Cristo, deve subtrair-se ao olhar de outros possíveis pretendentes e amantes. Por isso ela vive retirada do mundo, no claustro (claustrum, de onde derivam os termos claustral e clausura), para estar sempre sob o olhar de Deus e agradar só a ele com a pureza e a intensidade do amor. Portanto o véu é uma espécie de clausura na clausura, porque também dentro do mosteiro a monja tem um estilo de vida e um modo de relacionar-se com as outras claustrais muito reservado.

Com são Paulo pode-se realmente exclamar que grande é «este mistério» virginal e nupcial» (cf. Efésios, 5, 32).

O rito litúrgico da *velatio virginum* é muito sugestivo. Antigamente o véu usava-se também de cor vermelha e significava que a virgem tinha sido resgatada com o sangue do esposo, Cristo. Por isso, em um dos seus lindíssimos sermões, santo Ambrósio – que pode ser definido “consagrador das virgens” - descreve assim uma mulher consagrada: «Ornada com todas as virtudes, envolvida no véu que se tornou purpúreo com o sangue do seu Senhor, ela avança como uma rainha trazendo sempre no seu corpo a morte de Cristo» *(De institutione virginis, 17.109).*

Á virgindade é também justamente atribuído o carácter de martírio. De fato, ela é considerada uma forma de martírio, por ser uma vida totalmente doada. De consequência, lhe é reconhecida também a dignidade real e é coroada pelo esposo, rei do universo. O véu, deste modo, assume também o significado de diadema real.

Ao falar do véu, não se pode deixar de dirigir a atenção à Virgem Imaculada, sempre representada com o véu e, por vezes, com um véu tão amplo que cobre o Menino Jesus que tem nos seus braços.

É este o significado místico do véu na cabeça das mulheres consagradas, escondidas do mundo para estarem no coração do mundo e levarem todos os homens ao coração de Cristo, único esposo da Igreja, da humanidade que ele redimiu com o preço do seu sangue, para torná-la santa e imaculada na sua presença. Resplandecente daquela beleza espiritual que deve ser guardada de qualquer profanação, atrás do sagrado véu virginal.

**Ct realizado plenamente na sua esposa Igreja[[15]](#footnote-15):**

“Levanta-te, vem depressa à Igreja: aqui está o Pai, aqui está o Filho, aqui está o Espírito Santo. Ele vem ao teu encontro, para que te acolha enquanto estás a refletir contigo mesmo no segredo do coração. E quando ainda estás longe, vê-te e põe-se a correr. Ele vê no teu coração, acorre para que ninguém te detenha, e além disso abraça-te... Lança-se ao regaço de quem estava por terra, para o reerguer, e para fazer com que aquele que estava oprimido pelo peso dos pecados e inclinado para as coisas terrenas, dirija de novo o olhar para o céu, onde devia procurar o próprio Criador. Cristo lança-se ao teu regaço, porque quer tirar dos teus ombros o jugo da escravidão e impor sobre eles um jugo suave»

«A Igreja é bela. Por isso o Verbo de Deus lhe diz: "És toda bela, minha amiga, e em ti não há motivos de censura" (Cântico 4, 7), porque a culpa foi cancelada... Por isso o Senhor Jesus levado pelo desejo de um amor tão grande, da beleza das suas vestes e da sua graça, porque agora naqueles que foram purificados já não há qualquer mancha de culpa diz à Igreja: "coloca-me como selo no teu coração, como selo no teu braço" (Cântico 8, 6), ou seja: és bela, minha alma, és toda bela, nada te falta! "Coloca-me como selo no teu coração", para que através dele a tua fé resplandeça na plenitude do sacramento. Resplandeçam também as tuas obras e mostrem a imagem de Deus, à semelhança do qual foste criada».[[16]](#footnote-16)

6ª MEDITAÇÃO:

A INFIDELIDADE - A EXPERIÊNCIA DO EXILIO

**A história do casal é a história de recomeçar-se, a promessa renovada sempre:**

 No meio do pecado (domínio sobre a mulher da parte do homem, dar à luz o filho nas dores, trabalho-suor-frustração) e de suas consquencias (Gen 4. A multiplicação do pecado) Deus joga a semente da eternidade, a salvação *histórica e escatológica*, assim como aparece no “protoevangelho” de Gen 3, 15: a discendencia da mulher esmagará a cabeça da serpente, do maligno.

*A narração sacerdotal da criação (Gen)*

O povo está no exilio, tudo perdido, longe da terra, a cidade santa e o templo destruidos, o povo dividido e separado e dispersos em vários lugares.

O cume da criação é o homem e a mulher que se amam, que se unem e Deus li vê como muito bom.

E Deus os bendisse (heb. *Berakh)* para eles transmitiram a vida, para eles se tornaram fecundos e geradores da vida. É tempo de recomeçar a vida, a nova criação Gen 1,22.28. São partner de Deus também, como casal, a imagem e semelhança de Deus, para multiplicar a criação e dominá-la, tomar conta dela. Gen1,26.

Oseais

**Deus casou-se com uma mulher adultera:**

Deus chama Oseais e pede para ele se casar com uma mulher adultera e perversa e isso para lhe ensinar como é a fidelidade de Deus diante do seu povo Israel que Ele ama como sua esposa.

**Qual foi o método? O amar até o fim:**

*O casal reconhece o elemento da infidelidade.* O amor se revela quando o outro é infiel, quando exatamente o seu amor vem rejeitado; no momento da crise que mostra a verdadeira capacidade de amar. O que vem pedido ao profeta é ser fiel diante da infidelidade da sua esposa, ao ponto de casar-se com ela, apesar da situação de traição.

O fiel esposo que entra na esposa pecadora, prostituita, não para tornar-se igual a ela, mas transformá-la no amor, transformar a traição no amor. O amor se manifesta na sua capacidade de ir até ao fundo do outro. É no momento da crise, diante da infidelidade que manifesta até aonde o outro é capaz de amar, consegue resistir. Oséias é convidado a mostrar na sua vicissitude pessoal o rosto de Deus. O acontecimento de Oséias é de ter casado uma mulher que era aúltera, uma mulher prostituta .

**A acusação como caminho**: Qual é o procedimento? Primeiro ele acusa: Os 2,4. “Protestai contra vossa mãe, protestai, porque já não é minha mulher e já não sou seu marido”.

Na Bíblia a acusação é sempre um caminho do perdão, para o pecador reconhecer o seu erro. Gen 4: Deus pergunta a Caim: “Porque seu rosto está abatido? O pecado está na porta espreitando-te, mas tu podes dominá-lo”. Mas Caim não deu mínimo escuta às palavras de Deus e foi deixando prevalecer nele os impulsos e não sua razão.

Assim quem acusa na Bíblia não tem intenção de fazer-lhe o mal. A acusação não é para colocar o outro na parede, nem para jogar culpa sobre o outro, mas para reconhecer e voltar para o amor, para a comunhão inicial. O perdão precede a acusa. Acusa outro só para tomar consciência do que está fazendo, para enxergar a sua verdade: “não é minha mulher e já não sou seu marido”. A intenção é salvá-la, por isso diz acusando ela: “para que eu não a desnude como no dia de seu nascimento e não a torne como um deserto; para que eu não a reduza a uma terra seca e não a deixe perecer de sede” Os 2,5.

**Punição**: Ele quer salvá-la em qualquer modo e por isso coloca a punição, não para fazê-la morrer, mas para resgatá-la. A intervenção de Deus não para matar, nem para condenar, mas salvar: “fecharei com espinhos o seu caminho; cercá-lo-ei com um muro e ela não encontrará mais saída... retirarei minha lã e meu linho, com que cobria a sua nudez... Eu a farei expiar os dias de Baal, quando lhe queimava ofertas, ataviada de seu colar e de suas jóias para cortejar os seus amantes, sem pensar mais em mim” Os 2,8.11.15

**Pecado multiplicado:** E ainda “Não terei compaixão de seus filhos, porque são adulterinos (Os 2,6)” Os filhos da prostituita trazem consigo suas sementes da prostituição. São símbolos do mal multiplicado, não fruto de “uma só carne”, mas fruto do pecado multiplicado. Aonde tem multiplicidade não tem unidade, não tem um só coração.

**A idolatria:** a esposa prostituita cai na idolatria! Quando vá atrás de vários amantes, quando não é mais uma só carne, segue o outro para alcançar as graças, para receber os dons, os presentes que ela quer. “Seguirei os meus amantes, que me dão meu pão e minha água, minha lã e meu linho, meu óleo e minha bebida” (Os 2,7 e Ez 16). É a verdadeira idolatria. Vá atrás de deuses para alcançar as graças que ela quer. Não mais o amor é abandono completo no outro, mas pretender do outro o que ela quer.

Será a mesma tentação que Jesus no deserto vai enfrentar: Satanás lhe fala “eu te darei tudo isso se prostrarás diante de mim” (Mt 4). O relacionamento com Deus não é mais “faça-se em mim a tua vontade”, mas faça isso e outro para mim, pois eu preciso.

“Eu que decido o que eu quero, eu sei” é a mentalidade de Adão e Eva junto com a serpente. Tornar-se igual a Deus a ponto de decidir meu futuro, ter o conhecimento total em modo que eu possa decidir o que é bom para mim e não preciso de Deus, de outra pessoa para decidir por mim. E o que importa é alcançar os bens que eu preciso assim como os filhos de vários pais se aproximam aos pais para o dinheiro e não pelo amor. Ou a mulher precisa de dinheiro para criar seus filhos, por isso cada mês procura ele, não pelo amor ao marido. O relacionamento de Israel tornou-se assim com Deus. Quando quer uma graça ou procura um baal ou procura Deus! A fé tornou-se pura idolatria.

O que é ídolo? “deus feito a minha imagem, a minha medida”. Faço um sacrifício para obter uma graça, faço isso a fim de ganhar aquela graça. Eu que construo o meu deus, eu que decido como deve ser o meu deus, o que ele deve fazer. É modelar deus segundo a minha criatividade. E assim, a minha certeza de amanhã está em mim. Eu acumulei estas virtudes, eu acumulei este tamanho de sacrifício e agora posso dormir tranquilamente porque já fiz o que deve fazer. A salvação assim não é mais gratuidade de Deus, mas o esforço dos meus méritos.

**A revelação de doador:** “Porei fim a todos os seus divertimentos, suas festividades, suas luas novas, seus sábados e a todas as suas festas. Devastarei sua vinha e sua figueira, das quais dizia: Eis a paga que me deram meus amantes. Farei delas um matagal, que os animais selvagens devorarão. Os 2,13-14)

**Deixar a esposa experimentar o deserto:** Ele vai tirar tudo para ela enxergar a verdade e voltar para seu primeiro amor. Ela deve ir atrás do Amado e não atrás dos dons.O seu relacionamento é com Deus e não com os dons. Por isso ele disse: “retomarei o meu trigo no seu tempo, e o meu vinho na sua estação; retirarei minha lã e meu linho, com que cobria a sua nudez. (Os 2,11). O intervindo de Deus será fazê-la tornar nu, voltar para sua origem. Não ficar mais dependendo das coisas, mas do seu criador. O caminho da ausência de Deus, o caminho da nudez e da morte é o caminho para voltar a Deus.

Ela esqueceu de mim indo atrás de outros deuses. E agora levarei ela para o deserto e lá vou me deixar atraído por ela e vou me casar com ela. É esta a lógica de Deus: fazendo-a passar a experiência da morte devolvê-la a vida, a fecundidade, o sentido da vida; experimentando a ausência de Deus, sentir a presença de Deus! Só assim, no deserto a prostituita vai se tornar a virgem, a esposa, a morte transforma em vida: “Desposar-te-ei para sempre, desposar-te-ei conforme a justiça e o direito, com benevolência e ternura. Desposar-te-ei com fidelidade, e conhecerás o Senhor” (Os 2, 21-22).

O matrimonio é para Oseias o lugar onde se aprende de recomeçar tudo de novo.

São Jeronimo dizia que na vida matrimonial, quando um homem pega uma virgem ela torna-se uma mulher e não mais virgem e quando Deus pega uma mulher até prostituita, ele transforma-a em virgem, esposa. Isso é o milagre do amor. O casal cristão é chamado fazer esta experiência: transformar o parceiro infiel não virgem em fiel virgem.

Ezequiel:

Podemos ler mais um texto onde mostra a fidelidade de Deus diante do seu Povo apresentado como esposa prostituta no Ez 16:

"Ornei-te de adornos: braceletes nos teus pulsos, colares em teu pescoço, um anel para o teu nariz, brincos para tuas orelhas, uma coroa magnífica para tua cabeça. Teus ornatos eram de ouro, prata, com vestimentas de linho fino, de seda e panos bordados; teu alimento era trigo, mel e óleo. Cada vez mais bela, chegaste à dignidade real....

 Tu, porém, te fiaste na beleza, aproveitaste da tua fama para te prostituíres e ofereceste a tua sensualidade a todo transeunte, a quem te entregaste. Tomaste tuas vestimentas para delas fazeres lugares altos para ti, ornados de panos de variegadas cores, e te deste à depravação, o que jamais deveria ter sucedido, e que te não sucederá jamais. Tomaste as esplêndidas jóias feitas com o meu ouro e minha prata, jóias que eu te havia doado, e fabricaste com elas imagens humanas, com que te prostituíste,..." Ez 16, 10-18

Cantico dos Canticos:

A segunda parte do Ct é a experiência da ausência do Esposo, é a experiência do esilio[[17]](#footnote-17):

No amor esponsal, os dois podem se perder, mas devem logo reencontrar-se. Ainda um dueto:

*A fuga dele* (Ct 3,1-5)*:* “Durante as noites, no meu leito, busquei aquele que meu coração ama; procurei-o, sem o encontrar”: e a noite ela enfrenta todas as dificuldades e vá ao encontro do esposo e ao encontrar-se não se brigam, contina mostrando o maior respeito com ele.

*A fuge dela* (5,2-8): Ela voltou para a casa dos seus pais e o amado atrás procurando ela, chega até suas janelas. Ela atrasou levantar-se e ele vai embora. Ela depois se levanta e vai atrás dele procurando-o. Ela sofre pois foi considerado pelas guardas como uma prostitita[[18]](#footnote-18), ferida por eles vai em procura do seu amado.

A consquencia da fuga e do erro cometido: a esposa se encontra nua, ferida e maltratada (Ct 5,7) e ao procurar de novo seu amado ela não está sozinha (Ct 6,1), mas também suas amigas, as filhas de Jerusalém, aqueles que estavam no casamento (Ct 3,7.10.11) e as testemunhas do casamento.

**E ao encontrar-se celebra de novo o amor, que é o terceiro elemento. Pronto para morrer um para outro.** cap.7; Põe-me como um selo sobre o teu coração, como um selo sobre os teus braços; porque o amor é forte como a morte, a paixão é violenta como o cheol (8,6). As torrentes não poderiam extinguir o amor, nem os rios o poderiam submergir. Se alguém desse toda a riqueza de sua casa em troca do amor, só obteria desprezo (8,7).

Sta Terezinha cita na sua experiência de enfermidade, vendo-a como uma rosa desfolhada diante do crucifixo: : “Por Ti devo morrer, beleza eterna e viva que sorte de ouro! Desfolhando-me dou prova definitiva. Que és o meu tesouro!…”

.........................

“Parecer-vos-á que há nestes Cânticos algumas coisas que se poderiam dizer com outro estilo. É tanta a nossa torpeza que eu não me espantaria; e até ouvi pessoas dizerem que antes fugiam de escutá-las. Oh! Valha-me Deus! Que grande miséria a nossa! Que assim como as coisas peçonhentas transformam em veneno tudo quanto comem, assim também acontece conosco, que, de graças tão grandes quanto a que nos faz aqui o Senhor ao permitir que entendamos o que possui a alma que o ama e animá-la para que para que possa falar e regozijar-se com Sua Majestade, temos de ter medo e dar sentido de acordo com o pouco amor de Deus que temos.

Ó Senhor meu, como nos aproveitamos mal de todos os bens que nos dais! Vossa Majestade buscando modos, maneiras e artifícios para mostrar o amor que nos tendes; nós, pouco experientes em amar-vos, temo-vos em tão pouco que, de tão mal exercitados nisso, permitimos que os pensamentos vão para onde estão sempre e deixam de pensar nos grandes mistérios que esta linguagem, dita pelo Espírito Santo, encerra em si. Que mais seria necessário para nos acender em Seu amor e pensar que boa razão tivestes para empregar este estilo?” [[19]](#footnote-19)

7ª MEDITAÇÃO

SACRUM COMMERCIUM (SC) AS NÚPCIAS SAGRADAS

 (A Aliança de São Francisco com a Senhora Dama Pobreza) SC é um texto místico[[20]](#footnote-20) onde Francisco enamorado da Pobreza[[21]](#footnote-21), a quem saúda como rainha das virtudes. Já no inicio da sua conversão sabemos que os amigos vendo Francisco desorientado, diferente nos comportamentos perguntaram: “Será que te vais casar, Francisco?” Ao que ele respondia: «*Casar-me-ei com a mulher mais nobre e mais bela que já se viu, uma mulher a todas superior em beleza e sabedoria*»[[22]](#footnote-22)

**SC 1:** E aqui no SC Francisco inicia a sua busca pela senhora Pobreza, assim como a esposa procurando seu esposo no Cântico dos Cânticos: “como um explorador curioso, ele começou a rondar pelos becos e praças da cidade, procurando diligentemente a que era a amada de sua alma. Interrogava os que estavam parados, perguntava aos que chegavam, dizendo: *Será que não vistes aquela que minha alma ama?*”.

Quando a encontrou, ficou apaixonado com ela, pois para ele a Pobreza era a Senhora Pobreza, esposa de Cristo, seu senhor. Como nas relações cavaleirescas entre o moço, o senhor e a dama[[23]](#footnote-23), Francisco usando a linguagem cavaleiresca, na qualidade de vassalo fiel, se coloca todo ao serviço da sua dama.

Entretanto a Pobreza não era bem vista, nem considerada como dama. As pessoas a consideravam como uma desgraça e por isso responderam *“afirmando que não sabiam nada do que se estava perguntando”* (SC1) e se escandalizaram com sua busca pela Pobreza: “*Que espécie de nova doutrina é esta que trazes aos nossos ouvidos?”*

**SC 2.** E de repente Francisco encontra-se com dois anciãos e eles indicam a Francisco que “‘*ela subiu a um grande e alto monte, onde Deus a revestiu de glória*”[[24]](#footnote-24) (Ap 21,10; Mt 28,16 SC10).

E eles lhe lembra também que “Às vezes, eram muitos os que a acompanhavam, mas muitas vezes ela voltava sozinha e nua, sem nenhum enfeite de jóias (cfr. Is 61,10), sem se distinguir por nenhum acompanhante, sem vestir roupa alguma”.

E, aqueles anciãos lhes recomendaram sobre a necessidade do despojamento total e da necessidade de ter companheiros consigo, pois, a subida ao monte, para o encontro com a Pobreza era árdua e difícil.

**SC 3:** Francisco tomou companheiros consigo embora, logo, alguns entre eles “comentavam entre si dizendo: ‘*Quem conseguirá subir neste monte e chegar até ao seu cume?*’ ” Sl 23,3.

**SC 4:** Não obstante as dificuldades, subiram o monte a passos rápidos, o que levou a Pobreza a se admirar, dizendo: “*Já faz tempo que não vejo pessoas assim, nem vi tão expeditas por terem jogado fora até todos os pesos”*.

**SC 5:** Francisco e seus companheiros, então, lhe responderam:

“... Ouvimos dizer que tu és a rainha das virtudes e, de qualquer maneira, foi isso que aprendemos com a experiência. Por isso, prostrados aos teus pés, suplicamos humildemente que te dignes estar conosco e sejas para nós o caminho que leva ao rei da glória, como foste caminho para Ele, quando se dignou visitar, os que jaziam nas trevas e na sombra da morte.... e o Rei dos reis cobiçou a tua beleza e formosura”.

**SC 6:** Francisco aqui lembra do mistério da pobreza que Jesus abraçou ao assumir o mistério da Encarnação e da Paixão. E o autor acrescenta: “*o Filho do altíssimo Pai se enamorou dos teus encantos”*. Além de ter nascido numa manjadora, falou como a primeira Bem-aventurança no Monte: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus (Mt 5,3), louvando a Pobreza e aqueles que a ela seguiam. Ao escolher os discípulos “O Filho do homem não tem aonde pousar a cabeça”; E na cruz, quando todos o abandonaram, a única fiel esposa foi a senhora pobreza.

**SC 7:** Escutando a conversa de Francisco e seus companheiro, a senhora Pobreza se afeiçoa a eles e com eles partilha a sua história *(a história da salvação)* desde inicio da criação que é comovente:

**SC 8:** “Estive, uma vez, no paraíso de Deus onde estava o homem nu e até passeando naquele belíssimo jardim (Gen 2,25; 3,8), sem temer nada, sem duvidar de nada, e sem suspeitar de nenhuma coisa adversa”[[25]](#footnote-25).

**SC 8-10:** Entretanto, a desobediência a Deus levou à vergonha de ficar nu, o desprezo à Pobreza trouxe à vergonha. Desde então, a Pobreza ficou sem descanso e sem dignidade. Sua dignidade só foi novamente reconhecida, com a vinda de Cristo à terra, quando a tomou por companheira fiel e “Testamento”[[26]](#footnote-26) e os Apóstolos conservaram este estilo de vida.

**SC 11:** Com efeito, a fidelidade ao exemplo de Cristo e dos Apóstolos permaneceu nos primeiros tempos do Cristianismo. A Senhora Pobreza recorda que “Esta vitória durou por um tempo muito longo, de maneira que cada dia mil milhares eram marcados com o sinal do sumo altíssimo.

Entretanto, a senhora Pobreza se recorda:

**SC 12:** Mas ai! Depois de pouco tempo fez-se a paz, e essa paz foi pior que qualquer guerra: no princípio, foram poucos os assinalados; no meio, menos ainda; e no fim, pouquíssimos. E agora, certamente, eis que na paz está a minha maior amargura: nela todos fogem de mim, todos me afugentam, não sou procurada por ninguém, por todos sou abandonada. Estou em paz com os inimigos, mas não com os de casa.”

De fato, após a Paz Constatiniana de 313, quando os cristãos recebram toda a liberdade da religião, e livres da perseguição, se esqueceram do Cristo pobre e, aos poucos, foram abandonando aquele estilo de vida simples, pobre e austero.

**SC 13:** E a Senhora Pobreza se lembra com tristeza: *A senhora perseguição, irmã da caridade[[27]](#footnote-27):* quando via alguém se esfriando na caridade ou esqueciam, mesmo que um pouquinho, as coisas celestes, colocando o coração nas coisas terrenas, trovejava imediatamente, movimentava o exército, enchia logo os rostos de meus filhos de igniomínia, para que buscassem o nome do Senhor. Mas agora minha irmã me abandonou! ... E meus filhos foram na aquisição de riquezas e na torrente de delícias”.

**SC 14:** Em seguida a Senhora Pobreza faz louvores para alguns que quiseram seguí-lo: “Passado algum tempo, alguns começaram a respirar e a ir, por própria decisão, pelo caminho reto, que, naquele tempo, só era percorrido por poucos, forçados pela necessidade.

Talvez lembra aqui as reformas monásticas que teve no período de Alta Idade Média: os clunes, os cistercienses, os cônegos regulares de Sto Agostinho. Foram um novo amanhecer em meio às trevas.

E eles recebam os elogios da parte da Senhora Pobreza: “eram homens devotados a Deus, agradáveis aos anjos, amáveis para as pessoas, rígidos consigo mesmos, misericordiosos com os outros, religiosos pela ação, modestos no caminhar, alegres de rosto, graves de coração, ... e minha alma estava grudada com eles e havia em nós um só espírito e uma só alma”.

**SC 15-16:** Entretanto, do fervor dos fundadores ao processo de institucionalização das novas ordens religiosas, a Pobreza ia ficando esquecida. De fato, nos tempos posteriores deram mais importância às reformas esquecendo o espirito da pobreza.

**SC 20:** *A avareza* tomou conta deles, é o nome da cobiça imoderada de adquirir ou conservar riquezas. E a senhora Pobreza chama-a como causadora do vício e segundo ela, os falsos religiosos a chamaram de *Sabedoria ou Previdência*. Mas na verdade, era uma “discrição de confusão”. De fato, à medida que suas terras e serviçais produzem mais e acumularam mais, tornaram-se operários que puseram a mão no arado, mas olham para trás.

E a Senhora Pobreza aqui até lembra de alguns que eram da Ordem dos Menores que com o propósito de reforma da Igreja haviam esquecido do carisma inicial. No inicio eram pobres, mas depois se desviaram: “No começo, tinham-nas eles todas como esterco dizendo: Nós somos e queremos ser sempre pobres, não queremos vossas coisas más. Tendo alimento e com que nos cobrir, estamos contentes com isso” (exatamente assim como Francisco se lembra no seu Testamento[[28]](#footnote-28)).

**SC 22:** “Mas a Avareza, vendo que sozinha não ia realizar o que queria com eles, mudou de tática para chegar a seu propósito. Convocou *a Acídia,* que descuidada de começar as coisas boas e de completar o que já tinha começado, fez uma aliança com ela, firmando um pacto contra eles. Não tinha muita familiaridade nem estava fortemente ligada a ela mas, para o mal, de boa vontade juntaram-se, como outrora Herodes e Pilatos contra o Salvador”.

Sabemos que em torno dos anos de 1220, as tensões no interior da fraternidade dos Frades Menores, estavam cada vez mais maiores. No Capitulo Geral de 1221, Francisco apresentou o texto da Regra não Bulada, a qual foi rejeitada pela maioria dos frades, porque muito dura de ser observada. Foi-lhe pedido que redigisse novo texto”[[29]](#footnote-29)

A Legenda Perusina conta que, naquele Capítulo, uma comissão de ministros foi pedir ao Cardeal Hugolino (depois foi Papa Gregório IX) que convencesse Francisco de aceitar a Regra de São Bento ou de Santo Agostinho ou de São Bernardo por que impõem uma pobreza individual, mas permitiam que o mosteiro tivesse rendas, que garantisse uma certa segurança à comunidade monástica.

“Francisco tomando o Cardeal pela mão, diante da assembleia, rejeita esta hipótese, veementemente, afirmando: Irmãos meus, irmãos meus, Deus me chamou pelo caminho da humildade e me mostrou o caminho da simplicidade: não quero que me falem de nenhuma Regra, nem de S. Agostinho, nem S. Bento nem de S. Bernardo. O Senhor me disse que queria que eu fosse um novo louco no mundo; e Deus não quer conduzir-nos por outro caminho senão por esta sabedoria. Pela vossa ciência e sabedoria, Ele vos confundirá. Então o Cardeal ficou estupefato e calado; e os frades todos cheios de medo” (LP 114).

Francisco rejeitou, com isto, toda a monasticização de sua fraternidade e todas as seguranças que ela poderia oferecer, para ser “um novo louco no mundo”, encantado, como nas novelas cavalheirescas, com a esposa do seu Senhor, isto é, com a Senhora Pobreza. A Regra de Francisco é o Evangelho, especialmente, aquelas partes nas quais o Senhor ensinou e mandou aos seus discípulos que vivessem em pobreza, como o atesta o próprio Sacrum Commercium.

**SC 23:** “Depois disso, começaram a suspirar por tudo que tinham deixado no Egito, suspirando miseravelmente e buscando vergonhosamente o que tinham desprezado com um coração tão grande... O cuidado com os exercícios espirituais era nenhum, nenhuma era a solicitude pela salvação das almas, raramente conversavam sobre as coisas celestes e morno era o desejo da eternidade” Entretanto, mantendo uma aparência de santidade em tudo, para não ficarem completamente desmoralizados e, falando de coisas santas, escondiam aos simples o seu miserável comportamento... No fim, começaram a adular os seculares e a juntar-se com eles para esvaziar suas bolsas, para ampliar os edifícios e para multiplicar as coisas a que tinham renunciado absolutamente.”.

Sabemos que desde inicio da história da Ordem existiram frades “”Elites” com espirito de cultura, de estudo e de organização da Ordem e os frades “Zelantes” como Frei Leão querendo viver observando literalmente o Testamento de São Francisco junto com a Regra.

Após a morte de Francisco, Gregório IX, querendo trazer a concórdia no interior da Ordem, permitia não apenas o uso do dinheiro, mas também as seguranças que o dinheiro oferece. Portanto, favorecendo a institucionalização e a clericalização da Fraternidade, transformando-a em uma ordem de pregadores.

Os livros escritos logo depois, como por exemplo a Legenda dos Três Companheiros, “os autores da Legenda enfatizaram a imagem de Francisco extremamente pobre, fraterno e pregador, pois queriam perpetuar as relações entre os irmãos com as características dos primeiros tempos, uma vez que, à altura em que escreviam, fortes tansformações ocorriam e a fraternitas dava lugar a uma Ordem religiosa com características clericais, situações que nem sempre preservavam os laços fraternos, como foram vividos nos tempos heroicos da fraternitas franciscana.[[30]](#footnote-30)

Nos elogios que a Senhora Pobreza faz aos bons religiosos, talvez contemplando os Zelantes, estavam provavelmente os primeiros companheiros de São Francisco, ainda sobreviventes, como era o caso de Frei Leão, Frei Bernardo, Frei Gil, Irmã Clara, dentre outros. Eles tinham resistido às tentações vindas em nome da Discrição e da Previdência. “Batiam às portas do céu com clamores e entravam pela insistência das orações, superando-se na contemplação, desprezando todas as coisas terrenas”.

**SC 27**: A Senhora Pobreza previne o bem-aventurado Francisco sobre o progresso e a decadência do comportamento.

“Eis, irmãos, contei-vos essa comprida parábola para que vejais por onde vai o vosso caminho (cfr. Pr 4,25) e vejais o que tendes que fazer. É perigoso olhar muito para trás e iludir a Deus.Lembrai-vos da mulher de Ló (cfr. Lc 17,32; Gn 19,26).

E olhando para Francisco e seus confrades Ela diz: “Mas, caríssimos, eu confio em vós (cfr. Hb 6,9), porque vejo em vós, mais do que nos outros, coisas melhores e mais próximas da salvação, porque parece que desprezastes tudo, que vos libertastes de todas as coisas. E a melhor prova que tenho de tudo isso, para mim, é vossa subida ao monte, ao qual poucos tiveram jamais acesso[[31]](#footnote-31). Mas eu vos digo, meus amigos, que a malícia de muitos me faz desconfiar da virtude dos bons, e muitas vezes descobri lobos arrebatadores sob a roupa das ovelhas (cfr. Mt 7,15)”.

“Mas, como temo que aconteça convosco o que aconteceu com os outros, dou-vos um salutar conselho, isto é, que não queirais alcançar logo no começo os pontos mais altos e secretos, mas, caminhando devagar, sob a orientação de Cristo, chegueis finalmente ao mais alto. Cuidai para que, depois de ter colocado o adubo da humildade nas vossas raízes, não vos reveleis estéreis, porque então a única coisa que vos sera dada é o machado. ... No começo, tudo vos parece agradável de suportar, mas, pouco depois, quando pensardes estar seguros, admitireis que houve falta de cuidado com os benefícios recebidos”.

Assim, levados para o torpor e a acídia espiritual, alegareis desculpas inconsistentes, dizendo: “Não podemos ser fortes como fomos no começo, agora os tempos são outros”; ignorando que se diz que: Quando o homem tiver acabado, aí é que vai começar (cfr. Eclo 18,6). E em vosso ânimo haverá uma voz dizendo sempre: Amanhã, amanhã voltaremos ao primeiro marido, porque para nós era melhor antes do que agora (cfr. Os 2,7).

**SC 28:** Finalmente o bem-aventurado Francisco responde à Pobreza com os seus frades: “Senhora nossa, gostamos do que dizes, não se pode criticar nada do que falaste ... Eis, senhora, pela caridade do Rei eterno, com que te amou, e por aquela com o amas, nós te suplicamos que não nos faltes em nosso desejo, mas uses conosco tua mansidão e misericórdia e... Para sempre e por todos os séculos, juramos e prometemos guardar os preceitos da tua justiça”.

**SC 29:** Pelas palavras de Francisco e seus frades, comoveram-se as entranhas da senhora Pobreza (cfr. 3Rs 3,26; Gn 43,30) e, como é próprio dela ter sempre misericórdia e perdoar, não conseguindo mais conter-se, correu e abraçou-os, dando o beijo da paz em cada um e dizendo: “*Meus irmãos e meus filhos, já estou indo convosco: sei que vou conquistar muitos de vós*”.

**SC 30:** **Segue o banquete da Pobreza com os frades.**

A Senhora Pobreza vai visitar a moradia dos Frades: Mostrai-me antes a capela, a sala do capítulo, o claustro, o refeitório, a cozinha, o dormitório e o estábulo, as cadeiras bonitas, as mesas bem lisas e as casas enormes. Pois não estou vendo nada disso; só o que vejo sois vós, alegres e felizes, transbordando de gozo, cheios de consolação (cfr. 2Cor 7,4), como se esperásseis que é só desejar e vos darão tudo.

Eles responderam dizendo: “Senhora e rainha nossa, nós, os teus

servos, estamos cansados da longa viagem; e enquanto viestes conosco, também fizeste um grande esforço. Vamos então primeiro comer, se te agrada, e assim reforçados vamos fazer tudo conforme os teus planos. Ela concorda, mas pede água para lavar as mãos e toalhas para secá-las.

Então: Trouxeram logo meio vaso de barro cheio de água, porque não havia ali um inteiro. Despejaram-na nas mãos dela, enquanto olhavam para cá e para lá, buscando uma toalha. Como não a encontraram, um deles ofereceu-lhe a túnica que vestia para enxugar as mãos. Ela, recebendo-a agradecida, louvava a Deus em seu coração, por tê-la unido a tais homens de valor.

Quando se dirigem à mesa: (a Pobreza) olhou ao redor e não vendo mais do que três ou quatro pedaços de pão de cevada ou farelo colocados na grama, ficou muito admirada, dizendo consigo: Quem jamais viu essas coisas nos séculos que passaram? Bendito sejas, Senhor Deus, que cuidas de tudo...”. Assim assentaram-se juntos, dando graças a Deus por todos os seus dons.

Hóspede exigente, ela pede a comida em travessas, ao que os frades “trouxeram uma travessa cheia de água fria, para que nela todos molhassem o pão: ali não havia nem uma quantidade de travessas nem variedade de alimentos”.

Quando ela lhes pede verduras, como não tinham nem jardineiro e nem hortelão, trazem-lhe ervas silvestres; ante o pedido de sal, para temperá-las, pediram para ir à cidade esmolá-lo e com relação às facas, concluíram que era melhor usar os dentes. Quando ela lhes pediu o vinho, justificaram que o melhor para a vida do homem é “a água e o pão” e que ela, como esposa de Cristo deveria evitá-lo (o vinho), “como se fosse veneno”.

Satisfeitos com aquela refeição: mais pela glória de tanta privação do que ficariam pela abundância de todas as coisas, bendisseram ao Senhor, diante do qual encontraram tanta graça, e levaram-na para um lugar em que pudesse repousar, porque estava cansada. E assim jogou-se despida sobre a terra nua. Pediu também um travesseiro para sua cabeça e trouxeram logo uma pedra e colocaram embaixo dela.

Depois de ter feito a refeição e o repouso, a senhora Pobreza lhes perguntou: *onde é o vosso claustro?[[32]](#footnote-32)* São Francisco e seus companheiros “Conduziram a Senhora Pobreza para uma colina e lhe mostraram todo o mundo que podiam ver, dizendo: *“Senhora, este é o nosso convento/ o nosso claustro”*.

**SC 31:** **A senhora Pobreza abençoa os frades e os exorta a perseverarem na graça recebida:**

“Ela mandou que todos se sentassem juntos e lhes comunicou palavras de vida, dizendo: “Filhos, vós sois benditos pelo Senhor Deus, que fez o céu e a terra, que com tão grande plenitude de caridade me recebestes em vossa casa, que hoje me pareceu estar convosco como no paraíso de Deus. Eis que já vejo o que almejei, já tenho o que desejei, porque me uni na terra aos que representam para mim a imagem daquele com quem estou desposada nos céus. Que o Senhor abençoe a vossa fortaleza e receba as obras de vossas mãos. Eu vos peço e rogo com insistência, como a meus filhos muito queridos, que persevereis naquilo que começastes por inspiração do Espírito Santo, sem abandonar vossa perfeição, como alguns costumam fazer, mas, escapando de todas as ciladas das trevas, esforçai-vos sempre pelo que é mais perfeito. Altíssima é a vossa perfeição ... Não tenhais nenhuma dúvida de que possuireis o reino dos céus, não hesiteis, porque já tendes a garantia da herança futura ... e não tendes por que envergonhar-vos de dizer: “Eis que deixamos tudo e te seguimos ...”.

1. **Os** 1-3; **Is** 5; 54; 56,6ss; 62,4-5; 66,22; **Ez** 16; **Jer** 2,2.20.23-25; 30,14; 31,3; 3,1-3; 6-16. [↑](#footnote-ref-1)
2. A vida religiosa é sair do seio da família carnal para unir-se à família que Deus preparou para formar a sua nova história, onde o amor divino e o amor fraterno será os novos laços que li amarra. Por isso santa Clara dizia na sua Regra: “Manifeste com segurança, uma à outra, sua necessidade. E se uma mãe ama e nutre sua filha (cfr. 1Ts 2,7) carnal, quanto mais diligentemente deve uma Irmã amar e nutrir sua irmã espiritual? (RegSC 8,15-16). [↑](#footnote-ref-2)
3. Na vida religiosa ao abraçar um carisma, temos já um berço preparado: a história e a santidade de um Instituto religioso, seus fundadores, a espiritualidade, os direitos e deveres que recebemos através a Profissão, todos os dias garantida a Santa Eucaristia, a vida fraterna, a vida sacramental, as horas determinadas para a oração e meditação, todos os vias necessários para nossa santificação etc. [↑](#footnote-ref-3)
4. Onde houver o amor fraterno, a fidelidade vocacional, nasce novas vocações (Dom Marco, retiro mensal agosto 2017). [↑](#footnote-ref-4)
5. Na vida religiosa, as correções fraternas, o conhecimento reciproco, o próprio revelar-se um ao outro com seus limites e qualidades diante da fraternidade é viver esta verdade nossa. Quando começa a ter coisas para esconder, quando falta a transparência ao revelar-se o que cada uma é, aí vai aparecer o medo, o jogar a culpa um para outro, ou até mesmo, por medo de ser descoberto a própria verdade, vai usar uma atitude de superioridade sobre outros. [↑](#footnote-ref-5)
6. Como no Batismo recebemos a roupa branca simbolizando a dignidade original devolvida, e o nosso hábito religioso cnfirmou mais uma vez tal dignidade devolvida. Basta que a senhora pobreza não continue chorando em cima das colinas e não fique falando como falou com São Francisco, sobre alguns dos frades: “homens que vestiram o hábito da santa religião, não vestiram o homem novo, mas recobriram o velho ... vestindo a roupa de ovelha, ocultava a raiva de lobo com a astúcia de uma raposa” SC 15. Se acontecer, o nosso hábito seria mais um motivo de envergonhar-nos diante de Deus e dos homens. [↑](#footnote-ref-6)
7. Carlos de Foucauld (1858-1916) “Ao encontro dos mais abandonados”, Ed.Loyola, Pg.220 [↑](#footnote-ref-7)
8. “Conceito do amor de Deus”, Sta Teresa d’Avila, 1567 [↑](#footnote-ref-8)
9. Christian de Chergé (1937-1996), prior da abadia trapista de Tibhirine, na Argélia, sequestrado e morto por um grupo terrorista com outros seis outros monges, em maio de 1996. [↑](#footnote-ref-9)
10. Christian de Chergé. Meditazioni sul Cantico dei cantici. Pádua: Edizioni Messaggero, 2016, 212 páginas. [↑](#footnote-ref-10)
11. Schreiner, Vergine, Madre Regina, i seni dela chiesa, Gesu come Madre [↑](#footnote-ref-11)
12. Wakernagel: 1964, pg. 171 [↑](#footnote-ref-12)
13. O autor do livro: rei Salomão “Pronunciou três mil sentenças e compôs mil e cinco poemas.” 1 Reis 4,32; [↑](#footnote-ref-13)
14. L’osservatore romano, 2 de Maio de 2014 (Titulo: A fundadora da abadia Mater Ecclesiae no lago d'Orta explica-nos o véu monástico). [↑](#footnote-ref-14)
15. S.Ambrosio. [↑](#footnote-ref-15)
16. Ambrosio. Os mistérios, n. 49.41 [↑](#footnote-ref-16)
17. V. MANNUCCI, Sinfonia dell’amore sponsale, Elle Di Ci Torino 1938 2, pp. 25-58. [↑](#footnote-ref-17)
18. Prov 7,11-12. [↑](#footnote-ref-18)
19. a visão que Teresa d’Avila tinha sobre o Cantico dos Canticos. Do livro “Conceitos do amor de Deus” Capítulo I (trechos) [↑](#footnote-ref-19)
20. SC é uma obra literária de original valor teológico. O livro aparece como "Mistiche nozze" -"Núpcias místicas de São Francisco com a Senhora Pobreza". É uma linguagem alegorica. Os frades buscam a Pobreza e chegam a encontrá-la numa montanha em que vive abandonada. Ela conta sua história desde a criação do mundo até Cristo, depois desde Cristo até as Ordens religiosas, então decadentes. Depois, deixa-se convencer a ir fazer um banquete com os frades e fica feliz de estar com Francisco e seus companheiros. Espécie de representação cênica ou de auto sacramental.

Não sabemos quem é o autor deste Texto. Talvez tenha sido redigida no ano de 1227, entre os prováveis autores estão: Frei João Parenti 1227-31; Frei Crescêncio de Iesi 1244-47; Frei João de Parma 1247-1257, ministros da Ordem Franciscana, sendo dois deles doutores ou mestres em Teologia: São Antonio de Lisboa + 1231, e Frei João Peckan, bispo de York, desde 1279. [↑](#footnote-ref-20)
21. No Sacrum Commercium, a Pobreza é esposa de Cristo. Francisco é um apaixonado por ela e a saúda como rainha das virtudes. De fato, São Francisco não vê a Pobreza como sua esposa e sim como sua Dama ou Senhora, nos termos feudais. Pelo menos é o que encontramos em seus escritos, na Vida I de Celano e nos textos de origem leonina. Foram a Vida II de Celano e a Legenda Maior que começaram a usar essa imagem (2Cel 55.72.82, LM 7,1), 20 anos depois de Francisco (Introdução Fontes, SC). [↑](#footnote-ref-21)
22. 1 celano 7. [↑](#footnote-ref-22)
23. DUBY, G., A Idade Média idade dos homens. Do amor e outros ensaios. Trad. J. B. Neto. S. Paulo: Cia das Letras, 1989, p. 64 [↑](#footnote-ref-23)
24. A imagem do monte remetida aos livros de Apocalipse e Evangelho de Mateus, retoma a simbologia do encontro com Deus nas montanhas e os grandes personagens bíblicos como Abrão, Moisés, Elias e o próprio Jesus Cristo tiveram a revelaçao divina nas montanhas. [↑](#footnote-ref-24)
25. a nudez tratada neste momento não se refere à falta de pudor, mas sim, à Pobreza total e ao total despojamento. [↑](#footnote-ref-25)
26. ““Não queirais possuir ouro, nem prata, nem dinheiro. Não queirais levar bolsa, nem mochila, nem pão, nem bastão, nem calçado, e nem tenhais duas túnicas (Mt 10,9-10; Lc 9,3). Não vos aflijais dizendo: Que vamos comer? Ou que vamos beber? Ou com que vamos nos cobrir? (Mt 6,31)? Quem não renunciar a tudo que possui, não pode ser meu discípulo (Lc 14,33), e o resto que está escrito no mesmo livro”. [↑](#footnote-ref-26)
27. A irmã perseguição, segundo a Senhora Pobreza, era em tudo sua fiel ajudante, uma auxiliar forte e uma conselheira prudente. [↑](#footnote-ref-27)
28. O texto básico de Francisco sobre a pobreza é o Testamento. Nele, a pobreza é sempre concreta, não figurada: 1. Francisco se converte porque vai viver no meio dos leprosos; 2. os frades, antes de entrar, vendiam e davam tudo que tinham; 3. trabalhando com as próprias mãos, partilhavam a vida dos pobres. Para Francisco, a pobreza é uma virtude de Jesus Cristo: para ele, não é uma virtude, é um programa (Introdução Fontes, SC). [↑](#footnote-ref-28)
29. DUARTE, Teresinha. Arautos da Paz e Bem: Os franciscanos em Portugal (1214-1336). 2004, p.75. [↑](#footnote-ref-29)
30. VIEIRA, 2009, p.68 [↑](#footnote-ref-30)
31. É interessante confrontar a alegoria do Sacrum Commercium com os fatos mais marcantes do encontro da Pobreza por parte de Francisco: com os leprosos, com os pobres, contando ao Papa a parábola da moça pobre do deserto e se identificando com ela, contando o sonho em que viu uma estatua belíssima de uma mulher vestida de trapos, encontrando no caminho três moças pobrezinhas que o saúdam como "Senhora Pobreza" (uma teofania feminina que lembra a visita dos três anjos a Abraão em Mambré) (Introdução Fontes. SC). [↑](#footnote-ref-31)
32. A data deste livro traz dúvidas e provavelmente após dos anos 1240, pois ao ironizar o oratório, o claustro, a sala capitular, o refeitório, a cozinha, parece referir-se a um tempo posterior de 1227, porque os franciscanos começaram a viver uma vida de tipo claustral no tempo do ministro geral Haymo de Faversham (1240-44). [↑](#footnote-ref-32)